



Discurso de Posse

Solar Barão de Guajará, Belém (PA), 27 de janeiro de 2017.

Página | 1



Discurso proferido pela nova sócia efetiva

Helena Doris de Almeida Barbosa

Por ocasião da Sessão Solene de Posse da Cadeira Nº 60, patronímica de Clara Martins Pandolfo



*E*xcelentíssima Professora Dr.^a. Anaíza Vergolino da Silva, ilustre presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), em nome de quem saúdo os presentes e os que se fizeram representar.

Senhoras e senhores, boa noite!

2. Início agradecendo as generosas e incentivadoras palavras do Prof. Dr. Genylton Odilon Rego, membro deste Instituto e colega de longa jornada e de trabalho na Universidade Federal do Pará. Agradeço também ao IHGP pela acolhida nesta noite. Agradeço particularmente ao Prof. Pedro Rocha e toda a direção deste Instituto cujas trajetórias são exemplos de dedicação à Educação, à Cultura e a Memória do Pará e o valoroso auxílio que tem prestado ao IHGP nestes últimos anos.

3. Agradeço a presença de todos que aqui se encontram, por direta ou indiretamente fazerem parte da minha vida e terem contribuído para o alcance de mais um importantíssimo momento em minha vida profissional, tomar posse da Cadeira de número 60 do IHGP, que tem como patrona a Prof.^a. Clara Martins Pandolfo.



4. Quão curiosa é a nossa caminhada. Lembro-me que quando era menor (8 a 10 anos de idade) acompanhava com frequência minha mãe no período da tarde em seu trabalho. Ela era assistente social do Instituto de Previdência do Município de Belém, (hoje IPAMB, na época Montepio), que durante um longo período funcionou no Palácio Antônio Lemos. No trajeto de retorno pra casa passávamos a frente de um lindo "casarão" apesar de maltratado, que aos olhos de uma criança era um castelo, que poderia ser habitado por uma família abastada ou "assombrado" pelo tempo.

5. Hoje me encontro dentro "desse castelo", que guarda histórias, memórias e um passado que evidenciam as marcas culturais de Belém. Seus ocupantes? No passado a família do Barão do Guajará Sr. Domingos Antônio Raiol, que foi presidente da província do Pará, Alagoas, São Paulo e Ceará na segunda metade do Sec. XIX. Hoje quem ocupa o "castelo" é um grupo de estudiosos e pesquisadores que se dedicam a resgatar e manter a memória cultural e científica da cidade de Belém, preocupando-se com a valorização do passado, a democratização do presente e a sustentabilidade cultural do futuro, do qual todos devemos ter um papel a cumprir.

6. Eis-me aqui, chego ao misterioso castelo (IHGP) não mais conduzida pelas mãos de minha mãe como uma transeunte pela frente do mesmo, mas trazida por uma pessoa vital para minha existência, meu filho Luis Augusto (Guto), um jovem estudante de história, que passa a exercer voluntariamente atividades com intuito de conservar parte do acervo da instituição, e me fez lembrar e adentrar novamente neste espaço. Seu amor e entusiasmo por esta casa, me contagiaram, e hoje estamos aqui consolidando a missão e o papel que a sociedade deve ter com relação a cultura e patrimônio local. No século XXI, "cadeiras" se renovam e se ampliam na tentativa de atrair olhares e ações em prol da sociedade local.

7. É com muita honra que hoje assumo a primeira titularidade da cadeira de número 60, cuja patrona é a Prof.^a Clara Pandolfo. Devo e tenho grande satisfação em cumprir a



tradição deste Instituto e fazer o elogio a esta ilustre professora, pesquisadora, esposa, mãe e mulher, que durante sua vida laboral marcada pelo pioneirismo, sempre esteve em busca do uso sustentável das florestas.

8. Quem foi Clara Pandolfo? Clara Martins Pandolfo nasceu em Belém, em 12 de junho de 1912. Filha de ALBANO AUGUSTO MARTINS comerciante português e JUDITH BARREAU DO AMARAL MARTINS, (sobrinha neta de Eduardo Angelim) brasileira, franco lusodescendente, foi a caçula de cinco filhos. Os primeiros anos de vida passou-os em Lisboa, para onde seu pai viajara com a família, para rever sua terra natal e parentes que lá residiam. Regressando ao Brasil fez seus estudos primários no Colégio Santa Cecília, reputado estabelecimento de ensino da época. O curso secundário foi feito pelo antigo Regime de Preparatórios, que permitia aos candidatos que estudavam em colégios particulares inscreverem-se, ao final de cada ano, no Ginásio Paes de Carvalho, para prestar, neste estabelecimento, os exames finais.

9. Sua mãe sempre buscou encaminhar os filhos para profissões que lhes permitissem a independência econômica, era uma mulher de ideias avançadas para a época, uma verdadeira precursora, fazia questão de propiciar às filhas um preparo profissional que lhes assegurasse independência. Por essa época, Belém contava apenas com algumas Escolas Superiores isoladas (medicina, farmácia, odontologia), que funcionavam por iniciativa privada com um ensino muito caro, e seu irmão já estudava em uma delas, bem como duas irmãs que estudavam em Lisboa. Diante de tal situação ficava inviável para seus pais arcar com mais os custos da formação de Clara. Sua mãe assim que soube da criação da Escola de Chymica em Belém, encaminhou-a para lá, pois o ensino era altamente qualificado e gratuito.

10. Em um universo acadêmico marcado quase que exclusivamente pela presença masculina, a feminina era ínfima no contexto científico amazônico da primeira metade do século XX. Principalmente, em áreas cuja tradição era marcada por pesquisadores, muitos



deles de fora do região e do país, tais como botânica, zoologia, física e química. As pioneiras que se aventuravam nestas áreas, tais como Maria Jose von Paumgarten Deane (1917-1995) (parasitologista), Bettina Ferro de Souza (1923 - 1993) e Anna Turan Machado Falcão (1862 - 1940) (médicas) se constituíram em ícones que surgiam para quebrar o paradigma de que "mulher" deveria ser educada para ser uma boa esposa e dona de casa, no máximo uma boa professora.

11. Neste cenário, em 1926, Clara com então 14 anos que sempre esteve interessada em galgar patamares superiores de educação fora do Brasil, a exemplo de suas irmãs, por contingências orçamentárias ingressa no curso de Química da antiga Escola de Química Industrial do Pará, que funcionava onde hoje funciona o Núcleo de Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA), na Praça da República. Na época era dirigida pelo naturalista francês Paul Le Cointe, um dos maiores pesquisadores da flora amazônica, e o corpo docente da Escola era oriundo da Universidade de Sorbone, Paris. Sua formação profissional foi determinada mais por uma contingência financeira do que propriamente por vocação, no entanto superadas as dificuldades do idioma, e diante das atividades de laboratório, passou a haver um encantamento e envolvimento pela área de atuação, esquecendo seus sonhos juvenis de trabalhar na aviação.

12. Graduou-se em 1929, na última turma da Escola, pois a mesma foi fechada por falta de subvenção federal, lá desenvolveu o trabalho intitulado "Contribuição ao Estudo Químico de Plantas Medicinais da Amazônia". Depois de formada foi colaboradora do professor Paul Le Cointe em pesquisas tecnológicas sobre matérias-primas regionais, o que marcou essencialmente sua formação técnico-científica. Inteligente, dedicada e envolvida com as questões regionais, a partir destas experiências, a pesquisadora dedicou-se ao estudo dos recursos naturais da Amazônia.

13. Em 1936 casou-se com gaúcho, engenheiro agrônomo e italodescendente ROCCO RAFAEL PANDOLFO, que trabalhou no Banco da Borracha. Esteve casada durante 51 anos



com ele, que faleceu em Belém em janeiro de 1987. Dessa união nasceram três filhos: Vera, advogada; Sérgio, médico; e Maria Lúcia, socióloga. Que deram ao casal vários netos e bisnetos.

14. Teve sua vida profissional marcada por mais de 20 anos de trabalho nos Laboratórios de Bromatologia (estuda os alimentos, sua composição química, sua ação no organismo, valor alimentício e calórico, propriedades físicas, químicas) e de Hipodermia da Diretoria de Saúde Pública do Pará e do Laboratório de Biologia da Santa Casa de Misericórdia do Pará. Enquanto pesquisadora desenvolveu estudos sobre espécies oleaginosas da Amazônia, que são espécies da flora que possuem óleos e gorduras que podem ser extraídos através de processos adequados para os mais diversos fins. O que, anos mais tarde, viria a ser um dos seus principais projetos e contribuições para o Estado.

15. Além de renomada pesquisadora, atuou também como técnica na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), e na Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) Foi membro do Conselho Técnico e diretora do Departamento de Recursos Naturais. Ao instalar-se em Belém a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), Clara foi requisitada pelo seu primeiro Superintendente para servir como Assessora Técnica, vindo posteriormente a assumir a presidência da Subcomissão de Recursos Naturais da Comissão de Planejamento daquela Superintendência. Associado a isso foi também esposa e mãe de família, apesar de ser uma mulher simples, dedicada ao trabalho e a casa se constituiu em vanguarda para a sua geração e um signo de modernidade.

16. Clara Pandolfo foi fundamental na articulação para a reabertura da Escola de Química Industrial do Pará. Com apoio financeiro do Estado e da SPVEA, em 1956, a Escola foi reaberta com o nome de Escola Superior de Química do Pará. Em 1963, a partir de coadunação de ações de docentes e discentes em prol da incorporação da Escola de Química



a UFPA, um ano depois, a Escola passou a fazer parte da mesma, sendo Clara a principal articuladora em viabilizar tal conquista.

17. Durante mais de 25 anos, exerceu o magistério secundário e superior, como professora de Química de vários colégios de Belém, na Escola de Enfermagem do Pará e na antiga Escola Superior de Química do Pará, de onde foi professora fundadora e Diretora. Posteriormente incorporada à Universidade Federal do Pará, da qual se aposentou como professora titular. Professora Emérito pela Resolução nº 1.713, de 02 de janeiro de 1989. Clara sempre defendeu que a química era uma ciência importante para entender a biodiversidade da Amazônia. E como professora achava que esta ciência deveria ser dominada e exercida por pessoas da própria região – não por se tratar de mero bairrismo, mas por acreditar que era preciso formar mão de obra localmente, em prol do progresso científico da região.

18. Sempre preocupada com a manutenção da floresta, e com o uso sustentável dos seus recursos, foi pioneira na elaboração de projetos de manejo florestal sustentável, a exemplo o projeto experimental de cultivo de dendê no início da década de 1960. Dez anos depois o experimento se mostrou viável economicamente e a SUDAM, passa a incorporá-lo e financiá-lo, recebendo da denominação de Florestas de Rendimento.

19. Em 1979, ela foi convidada para proferir palestras sobre recursos naturais da Amazônia no *Center of Brazilian Studies*, da *Advanced International Studies*, na Universidade John Hopkins, Washington D.C., capital dos Estados Unidos. Ela também recebeu a Medalha do Mérito Florestal da Ordem do Mérito Grão-Pará e foi destaque nacional no Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas, da Associação literária Alpas, em 2008, com o Conto “Um Episódio Passional” Dentre os muitos artigos publicados destacam-se 42, que são relacionados a diversos temas como políticas florestal, mineral, infra estruturais, planejamento e de desenvolvimento; recursos naturais; florestais; madeireiros, minerais; potencialidades regionais e integração brasileira; enfoque econômico-ecológico;



ciência, tecnologia e desenvolvimento; dendê e vocação oleífera da região amazônica, além de problemas amazônicos

20. Em toda a sua vida profissional, destacou-se, sobretudo, pelas suas iniciativas em prol da ciência, com paciência e obstinação. Sua força de vontade de realizar um bom trabalho e o idealismo em prol da sustentabilidade florestal, fizeram com que mesmo nas condições mais adversas, em face das enormes dificuldades de ordem técnica, financeira e institucional, que enfrentou, não a fez esmorecer. Seu trabalho em favor da região pode ser constatado pelas realizações que marcam sua passagem em instituições de desenvolvimento regional, pelo magistério e pesquisa. Exemplo disso foi a supervisão e montagem de um Laboratório de Pesquisas Minerais, na SUDAM, com vista ao estabelecimento de métodos adequados ao tratamento dos minérios regionais.

21. Da Universidade Estadual do Pará recebeu, em 1994, o Diploma de Honra ao Mérito, pelos relevantes serviços prestados ao ensino da Enfermagem do Pará. E ainda, do Colégio Christus, de Belém, foi agraciada com o título de Mestre Emérito, pelo muito que contribuiu para o desenvolvimento do processo educativo no Pará.

22. Foi laureada com comendas e medalhas. Dentre as numerosas com que foi agraciada, destacam-se a ORDEM DO MÉRITO GRÃO-PARÁ, outorgada por Decreto do Governo do Estado do Pará e a MEDALHA DO MÉRITO FLORESTAL “NAVARRO DE ANDRADE”, pela Sociedade Brasileira de Silvicultura, sediada em São Paulo, considerada a maior honraria no campo dos recursos florestais, no Brasil. Associado ao seu trabalho acadêmico expando as complexidades da Floresta Amazônica e de sua biodiversidade dedicava-se também a literatura, em especial a poesia, e a vários artigos que escreveu e fez publicar na imprensa paraense.

23. Dentre estes um foi premiado no Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas ALPAS XXI – 2008, no qual obteve Destaque Nacional com o conto "Um episódio passionnal". Ele veio a ser publicado na Coletânea Palavras de Abril. Desde fevereiro de 2011



é a patrona da Cadeira de número 03 da Real Academia de Letras, com sede em Porto Alegre.

24. Em reconhecimento ao valioso trabalho prestado por esta cientista, o Conselho Regional de Química concede, desde 2008, o “Prêmio Professora Clara Pandolfo” a quem contribui com o desenvolvimento da Química na região. Como reconhecimento a todas as contribuições da pesquisadora para o Estado do Pará, a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) homenageou, pela primeira vez em 2011, uma mulher na IV Feira Estadual de Ciência e Tecnologia. Clara Pandolfo professora, dirigente, pesquisadora, idealizadora, indutora, executora, escritora, e acima de tudo isso, mulher... Clara Pandolfo faleceu em Belém em 31 de julho de 2009 com 97 anos, uma pioneira na ocupação dos espaços intelectuais da sociedade paraense no início do século XX. Exemplo de comprometimento com o uso sustentável das florestas, se constitui em um exemplo a ser seguido. É com muito orgulho que ocupo a cadeira de número 60 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, que tem como patrona a Prof^a. Clara Pandolfo, e espero que ela possa nos inspirar na condução de ações que permitam o desenvolvimento sustentável das florestas, como também o compromisso ético com os indivíduos que delas subsistem.

25. Concluindo, meus sinceros agradecimentos a todos que estão compartilhando este momento comigo, bem como à atenção e à confiança a mim dedicadas, por este Instituto, esperando não os decepcionar nas novas tarefas que me aguardam como Sócio Efetivo (agora empossada) do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Muito obrigada.

Referências

FREIRE, Rafael. Clara Pandolfo é homenageada. Beira Rio, Jornal da Universidade Federal do Pará n. 130. Abril e Maio de 2016. Disponível em: <<http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2011/130-edicao-98--outubro/1257-clara-pandolfo-e-homenageada>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

MELO, Hildete Pereira de.; RODRIGUES, Lígia M.C.S. Maria José von Paumgarten Deane (1917 - 1995) - parasitologista. BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

BARBOSA, Helena Doris de Almeida. *Discurso de Posse*: discurso proferido na Sessão Solene de Posse da Cadeira Nº 60, patronímica Clara Martins Pandolfo. Belém (PA): Instituto Histórico e Geográfico do Pará, [website], 2017.



Disponível em: < http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/902891>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MELO, Murilo Fiuza de. Clara Pandolfo, uma pioneira em defesa da floresta. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/biografias/3046419>>. Acesso em: 08. jan. 2017.

MIRANDA, Aristoteles Guilliod de; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. Anna Turan Machado Falcão (1862-1940): a pioneira médica esquecida da Amazônia. Rev Pan-Amaz Saude [online]. 2012, vol.3, n.1, pp.11-17. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232012000100002>>. Acesso em: 10. jan. 2017.

PANDOLFO, Sérgio, Martins. Clara Martins Pandolfo. breve notícia biobibliográfica. Disponível em: < <http://www.recantodasletras.com.br/biografias/2732886>>. Acesso em: 10 jan.2017.

_____ ; PANDOLFO, Clara Martins. Clara Martins Pandolfo - perfil. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/biografias/3275201>. Acesso em: 18 jan. 2017.

_____ ; Clara Martins Pandolfo. Vida, obra, legado. Discurso pronunciado no dia 27/05/2011 na cerimônia de lançamento oficial da “Mostra Clara Pandolfo de Ciência e Cultura”, promovida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e o Governo do Estado do Pará, por meio da Secretaria de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia (Seduct) Disponível em:< <http://www.recantodasletras.com.br/discursos/3001056>>. Acesso em: 05. jan. 2017.

PINTO, Lúcio Flávio. Clara Pandolfo: 103 anos. Disponível em: < <https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2015/06/13/clara-pandolfo-103-anos/>>. Acesso em 05. jan. 2017.

RECANTO DAS LETRAS. Cientista Visionária na Amazônia. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/biografias/3595758>>. Acesso em 11 dez. 2016.

